

O 27 DE MAIO ANGOLANO

VISTO DE BAIXO

Lara Pawson

O MAIS COMUM ERA AS PESSOAS CAÍDAS EM DESGRAÇA JUNTO DO PARTIDO
DESAPARECEREM E NÃO SE VOLTAR A OUVIR FALAR DELAS.
NINGUÉM FAZIA A MÍNIMA IDEIA DO QUE LHES TERIA ACONTECIDO.
EM ALGUNS CASOS PODERIAM MESMO NÃO ESTAR MORTAS.
CERCA DE TRINTA PESSOAS QUE WINSTON CONHECIA PESSOALMENTE,
SEM CONTAR COM OS PRÓPRIOS PAIS, TINHAM JÁ DESAPARECIDO.

George Orwell, 1984

Numa manhã quente e húmida de meados de Fevereiro de 1999, junto à setecentista Igreja do Carmo, no centro de Luanda, entrevistei um grupo de cerca de vinte pessoas que se encontrava em greve da fome em protesto contra um aumento do preço dos combustíveis. Eram todas militantes do pequeno mas corajoso Partido do Apoio à Democracia e Progresso em Angola (PADPA). Na altura temia não conseguir convencer o meu editor na BBC de que esta era uma história importante, dada a dimensão do protesto, mas o problema ficou resolvido quando a polícia apareceu e deteve 12 pessoas. Tinha a minha «cache».

Alguns dias mais tarde, uma manifestação ainda mais pequena teve lugar defronte da Igreja do Carmo, junto ao edifício do Governo Provincial de Luanda. Também foi dispersada pela polícia. No dia seguinte, a 24 de Fevereiro, participei numa terceira manifestação, realizada, tal como a primeira, às portas da Igreja do Carmo. Nesta havia uma amálgama mais diversificada de gente – incluindo outro partido da oposição, a Frente para a Democracia (FdP) – mas era, tal como as anteriores, pequena. No máximo estariam ali umas 30 ou 40 pessoas. Dez foram prontamente detidas pela polícia fortemente armada, entre as quais o dirigente da FdP, Filomeno Vieira Lopes, que eu estava a tentar entrevistar. Um polícia meteu uma espingarda entre nós, tentou (e não conseguiu) tirar-me o equipamento de gravação e escoltou Vieira Lopes até à camioneta da polícia. Uma hora depois de ter começado, a manifestação acabava. Fiquei sozinha na pequena praça relvada em frente à igreja, perguntando-me como um tão pequeno acto de dissensão podia provocar uma reacção tão desmesurada. Também estava surpreendida por mais nenhum jornalista ter aparecido para relatar o acontecimento.

Nos dias que se seguiram, alguns colegas da comunicação social angolana minimizaram as minhas perguntas acerca da sua ausência, argumentando que os protestos tinham sido demasiado pequenos para merecerem atenção ou que o PADPA estava ape-

nas a tentar obter um golpe publicitário. Alguns admitiram terem tido medo de ser presos. E então um jornalista ligeiramente mais velho disse-me algo notável: «Da última vez que houve uma manifestação de protesto neste país não se limitaram a prender toda a gente – mataram os manifestantes e continuaram a matar, semanas a fio. Desde então, as pessoas têm tido muito medo.»

«Quando é que isso aconteceu?», perguntei.

«Em 1977», respondeu, «e mataram milhares.»

Esta foi a minha apresentação ao 27 de Maio. Nesse momento, pareceu-me incrível que um acontecimento que tivera lugar há mais de vinte anos pudesse continuar tão firmemente incrustado na consciência colectiva. Ainda mais espantoso era o facto de um período tão significativo da história recente do país se ter mantido tão bem escondido:

PARECEU-ME INCRÍVEL QUE UM ACONTECIMENTO QUE TIVERA LUGAR HÁ MAIS DE VINTE ANOS PUDESSE CONTINUAR TÃO FIRMEAMENTE INCRUSTADO NA CONSCIÊNCIA COLECTIVA.

nunca ouvira sequer falar nele. Na altura não era especialista em história contemporânea de Angola mas já lera alguns livros de académicos e jornalistas britânicos e norte-americanos sobre o período pós-independência. Por que é que não

tinham mencionado a revolta de Nito Alves, e os milhares que tinham sido mortos? Não fora o facto de estar a cobrir a guerra civil angolana para duas agências noticiosas muito exigentes e teria começado a explorar o assunto naquele preciso momento.

*

* *

Na verdade, só regressiei ao 27 de Maio seis anos depois. A minha investigação iniciou-se na British Library, onde encontrei uma peça única, uma publicação de 60 páginas do Bureau Político do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA)¹. Começa com a resolução do Comité Central, datada de 21 de Maio de 1977, na qual o MPLA não só reconhece a existência do que denomina de «fraccionismo», como explica o seu carácter: «Que este fraccionismo apresentando-se com uma capa aparentemente revolucionária visa realmente dividir o MPLA e desviar conseqüentemente o Povo dos verdadeiros objectivos da etapa actual da luta: a Reconstrução Nacional e a Defesa da integridade territorial do País, contra o imperialismo.»² Dois homens são nomeados como líderes deste grupo: Alves Bernardo Baptista, mais conhecido como Nito Alves, e José Jacinto Vieira Dias Van Dúnem³. Ambos são expulsos do Comité Central nesse mesmo 21 de Maio.

Segundo a resolução, estes dois homens não queriam organizar uma simples manifestação mas sim desencadear um golpe em três fases meticulosamente planeadas. Em primeiro lugar, a infiltração completa do MPLA e de todo o Estado através de um processo que faz lembrar uma lavagem cerebral. Seriam desenvolvidas ideias racistas, que promoveriam os angolanos negros em detrimento dos mestiços e dos brancos. Van Dúnem teria recrutado 200 homens em 1975 para ajudarem a perpetrar o golpe.

Teria igualmente usado as suas ligações nas FAPLA para se infiltrar em áreas do Exército, incluindo a agora tristemente célebre 9.^a Brigada. Aparentemente, ele e Alves estariam também a usar a corrupção para atingir os seus objectivos – embora o documento não consiga fornecer exemplos precisos.

A fase seguinte referia-se à minagem de mais estruturas políticas e económicas. Os fraccionistas teriam começado a desacreditar o bom nome do Presidente Neto e do Comité Central, acusando a liderança de ser anti-soviética e anticomunista⁴. Estariam também a sabotar deliberadamente a economia nacional. Nessa fase, tornar-se-ia claro que Alves não estava interessado no povo angolano mas sim n' «uma anárquica e reaccionária actividade política, em que a demagogia, e o palavreado, funcionavam como arma»⁵. Ele e os seus alegres fraccionistas estariam a conseguir penetrar nos sindicatos nacionais e nas organizações de juventude e de mulheres do MPLA (JMPLA e OMA), e até mesmo os professores das escolas promoveriam o seu trabalho, poesia e ideias fanáticas nas aulas.

A terceira fase seria o clímax: os fraccionistas tomariam o poder. Até aqui o leitor tem a impressão de que Alves e Van Dúnem eram um duo altamente organizado e ambicioso. Mas a verdade, ficamos a saber, é um pouco diferente. Tentaram fazer um golpe não uma, não duas, mas três vezes. A primeira tentativa foi no dia 20 de Maio, a segunda era para ser a 25 e a terceira foi no dia 27 de Maio. A sua estratégia incluía a execução de vários membros importantes do MPLA (incluindo o ministro da Defesa Iko Carreira, o secretário do Bureau Político do Comité Central Lúcio Lara, o chefe dos Serviços de Informação e Segurança DISA, Ludy Kissassunda, e o seu vice, Henrique Santos «Onambwe»); prender outros membros destacados do Partido, do Exército e do Governo, ocupar a Prisão de São Paulo, em Luanda, as instalações da rádio estatal, a Rádio Nacional de Angola (RNA) e o jornal estatal *Jornal de Angola*; e incitar as massas a sair à rua para ajudar o Exército. Por fim, um novo governo seria anunciado.

Apesar de todos estes planos, os fraccionistas falharam. Um breve assomo de sucesso, em que pareceu reinar a anarquia nas ruas de Luanda, foi rapidamente seguido de retirada. Os apoiantes perderam a confiança, abandonaram as armas e desertaram os golpistas. Para lá da capital, em Malange e no Bié, os fraccionistas foram neutralizados; entretanto, em Benguela, Lobito, Huambo, Huila, Kwanza Norte, Kwanza Sul, Uíge, Moxico, Cabinda, Lundas, Zaire, Cunado Cubango, Moçâmedes e Cunene, nada de significativo chegou a ter início. O único feito dos golpistas – se assim lhes podemos chamar – foi terem queimado vivos oito membros do MPLA, seis dos quais muito influentes, no bairro do Sambizanga. Isto, de acordo com o Bureau Político, foi ordenado por Alves⁶.

O julgamento foi célere e, segundo o documento, pretendia «corresponder ao sentimento nacional de castigar sem perdão todos quantos revelassem responsabilidades na sua organização e execução»⁷. No fim do documento são feitas várias exortações

aos militantes do MPLA e à população em geral: «Viva a Unidade da Nação! Morte aos fraccionistas! A Vitória é Certa!». Uma última palavra, na última página: «Aplicamos a Ditadura Democrática Revolucionária para acabar de vez com os sabotadores, com os parasitas, com os especuladores.»

A leitura do relatório é extraordinária e sem dúvida que alguma da informação nele contida deverá ser verdadeira. No entanto, à medida que avançava por entre páginas e páginas de acusações, as minhas dúvidas acerca da verdade por detrás da revolta de Nito Alves cresciam. Havia algo de terrivelmente familiar no estilo de escrita: era demasiado

SE ALVES E VAN DÚNEM TINHAM CONSEGUIDO
ANGARIAR TANTOS APOIOS POR TODO O PAÍS
ERA PORQUE A SUA OPOSIÇÃO AO GOVERNO
DO PRESIDENTE NETO SE BASEAVA NUM
DESCONTENTAMENTO REAL.

excessivo, demasiado forte, demasiado agressivo. Recordava-me a propaganda do MPLA que me tinham enviado enquanto correspondente durante a guerra civil, todos os exageros e manipulações promovidos pelos meios de comunicação estatais. E levantava demasiadas questões: por exem-

plu, se Alves e Van Dúnem tinham conseguido angariar tantos apoios por todo o país era porque a sua oposição ao Governo do Presidente Neto se baseava num descontentamento real. Esta versão do 27 de Maio era empolgante, mas na minha mente não havia dúvidas de que existia outro lado da história por contar.

A questão era como encontrá-lo – em especial enquanto estivesse no Reino Unido⁸.

★

★ ★

Dia das Bruxas de 2005: mais um dia chuvoso e cinzento em Londres. Desço uma ruela ensanduichada entre duas filas de pequenas casas não muito longe da Waterloo Bridge e do National Theatre. Vou entrevistar o autor britânico Michael Wolfers, um dos poucos que publicou material sobre a revolta de Nito Alves, e que vivia em Luanda na altura⁹. Estou nervosa: Wolfers tem mantido uma longa e saudável relação com o MPLA e foi-lhe oferecida a cidadania angolana pelo antigo embaixador no Reino Unido, Tony Fernandes. Já traduziu parte da obra de Pepetela para inglês. Contudo, Wolfers não é uma figura consensual. Um dos seus críticos aconselhou-me a não perder tempo a entrevistar «esse cretino que deve ser o jornalista mais faccioso que alguma vez encontrei»¹⁰. Em Londres há quem diga que trabalha para o MI5, mas alguns angolanos alegam que é um espião do MPLA e apontam para a sua presença vacilante em reuniões do pequeno e bastante incestuoso British Angola Forum (BAF). Fariam melhor se estudassem a sua relação com o país, que remonta aos anos de 1970.

Como muitos outros socialistas britânicos desses tempos, Wolfers tem uma boa formação académica, fala bem e é bem relacionado. Era amigo do falecido académico marxista britânico Thomas Hodgkin, que por sua vez se deu com Frantz Fanon e Che

Guevara. Wolfers foi a Angola no final de 1975 para testemunhar as celebrações da independência. Foi então que lhe pediram para continuar no país e trabalhar como formador de jornalistas na RNA. Aceitou e passou a fazer parte de um pequeno grupo de europeus privilegiados que operavam em estreita ligação com a liderança do MPLA em nome da «revolução». Outros devotos da causa incluíam Augusta Conciglia, uma jornalista italiana da revista francesa *Afrique-Asie* que, diz Wolfers, «almoçava todos os dias com Neto»; Jane Bergerol, uma jornalista *free-lancer* britânica que trabalhava para o *Financial Times*, entre outros, e cujos textos eram supostamente tão tendenciosos que os revisores em Londres tinham de cortar bocados inteiros; e Margo Holness, também britânica, que trabalhava como conselheira do Presidente Agostinho Neto em Dar es Salaam e traduzia a sua poesia para inglês.

Wolfers é o que os ingleses descrevem como sendo «bem». É um tipo jovial e entusiástico, com um toque de professor louco, e que está mais interessado no conteúdo do que nas aparências. Tem o cabelo grisalho oleoso e a precisar de um corte, e as faces sorridentes precisam de ser barbeadas. Uma grande barriga sobre as calças que torna ainda mais salientes os pequenos botões da camisa. Lá dentro, a casa tem um aspecto semelhante. Há grandes caixas de livros e de papéis empilhadas na sala de estar – «Peço desculpa pela confusão, são para a minha biografia do Thomas Hodgkin»¹¹ –, a alcatifa não é limpa há mais de uma década e as partes das paredes que não estão cobertas por quadros interessantes necessitam de uma camada de tinta. Sentamo-nos em sofás quadrados e esponjosos, junto ao chão, na sala de estar. Tiro o meu caderno e um lápis.

«Suponho que coma carne?», pergunta ele.

Aceno com a cabeça.

«Ótimo, porque tenho ali um *foie gras* e tostas para comermos daqui a bocado». Faz uma pausa e depois acrescenta: «Lamento mas é de pato, não de ganso.»

Wolfers é generoso com o seu tempo e o seu material. Dá-me uma cópia de uma carta de sete páginas que dactilografou em Luanda pouco depois do 27 de Maio de 1977, e que enviou a um camarada britânico em Moçambique. Apresenta um ângulo interessante sobre os acontecimentos desse dia.

Acordou às seis e meia nessa manhã de sexta-feira com o som de uma metralhadora automática. Um pouco ensonado, ligou o rádio para se assegurar de que nada de anormal se passava. Do nono andar em que morava, muito perto da RNA, Wolfers conseguia ver um veículo blindado e pessoas a caminho do trabalho. Bebeu um café e saiu para a rádio. Ia pensando numa declaração a ser emitida nesse dia – lida por Lúcio Lara – expondo, talvez ironicamente, as «táticas» dos fraccionistas. Wolfers estava preocupado que houvesse uma tentativa de interrupção da transmissão. A caminho da estação de rádio, às vinte para as oito, viu pessoas a fugir a fogo de metralhadora, que parecia mais próximo do que antes. Pensou em voltar para trás mas o seu sentido de dever para com o MPLA era tão grande que percebeu que tinha de continuar, e assim

prosseguiu. No trabalho foi saudado pela chefe, Ilda Carreira, irmã do ministro da Defesa, o falecido Iko Carreira. Ilda disse a Wolfers que os disparos eram apenas nos bairros, e os dois puseram-se a traduzir a declaração de Lara.

Às oito da manhã a atmosfera começava a mudar. Um homem que Wolfers conhecia e que descreve como «muito jovem e tonto» estava a tentar tomar de assalto o estúdio. Alguns minutos mais tarde este «cabeça-de-vento» continuava a tentar interromper as transmissões mas agora com a ajuda de três soldados. Foi nesta altura, diz Wolfers, que os «fraccionistas tomaram o comando», facto confirmado, alega, pela presença em estúdio de um homem chamado Rui Malaquias. Não obstante, o ambiente dentro da estação devia ser bastante calmo: Wolfers e Carreira arranjaram tempo para uma chávena de café e para escolher material de leitura da biblioteca. A manhã continuou surpreendentemente sem acontecimentos até ao quarto para as onze, altura em que a «força libertadora» – um grupo de soldados bem armados e... dinâmicos», incluindo alguns cubanos – se lançou em acção. Houve disparos, e Wolfers e outros esconderam-se na cave. No entanto, não passou muito tempo até a RNA estar novamente sob o controlo das autoridades.

A carta de Wolfers mostra que ficou muito perturbado com os acontecimentos dessa confusa sexta-feira de há trinta anos. Admite que lhe custou escrevê-la, e lamenta a morte de «grandes camaradas» como Saydi Mingas, então ministro das Finanças¹². O seu amor e admiração incondicionais pela facção de Agostinho Neto no MPLA são claros. Porém, o grau da sua lealdade – «Estava absolutamente preparado para ser morto» – levanta importantes dúvidas acerca da sua capacidade para compreender a revolta de Nito Alves para lá de um prisma pró-Neto muito tendencioso e possivelmente bastante ingénuo.

Por exemplo, Wolfers escreve sobre a «razoabilidade apaixonada, tal como foi expressa pela direcção» do Partido e questiona-se como terá podido ser «tão tolerante durante tanto tempo». Para contrastar, Wolfers descreve Alves e o seu grupo como «o inimigo» – «pessoas pouco fiáveis» que exploravam as ansiedades e problemas sociais entre os «desadaptados e inseguros», um grupo a que também se refere como o «lumpen». Admite sentir-se muito entristecido pela clara discriminação racial presente na constituição dos denominados fraccionistas, que diz não incluírem brancos ou mestiços, e que se opunham a «uma sociedade não-racialista e socialista». Falando do assalto à RNA, diz que as pessoas que se revelaram como fraccionistas eram trabalhadores «péssimos» e que, de uma forma ou outra, em breve seriam despedidos. Outro momento considera-os incompetentes que não conseguiam realizar o trabalho que lhes fora atribuído e que sonhavam ser «senhores da terra» por um dia. Acaba por concluir que «não havia sentido nem valor naquilo que faziam».

Debati-me com as conclusões de Wolfers. Como é que um homem inteligente – e amigo de Angola – podia descartar com tanta facilidade as acções de milhares de pessoas por todo o país? Recordei-me da manifestação em frente à Igreja do Carmo em 1999: se o 27 de Maio não fora mais do que um preguiçoso grupo do lumpen a tentar

oportunisticamente conquistar o poder, por que razão, até hoje, tantos angolanos continuam com medo de se manifestar ou simplesmente de expressar as suas opiniões políticas?¹³ E contudo, sem contar com artigos mais defensivos de angolanos que terão, ou dizem ter, apoiado Nito Alves, quase todos os textos que li de autores mais independentes aceitam a versão oficial dos acontecimentos sustentada pelo MPLA, ou então, ignoram, pura e simplesmente, o dia e, o que é ainda mais incrível, o que se lhe seguiu¹⁴. Mesmo respeitados críticos do regime, como David Birmingham, concordam que foi, sem dúvida, uma tentativa de golpe¹⁵. Claro que poderão ter razão. Há realmente muitas provas que sugerem ter-se tratado de uma tentativa de derrube dos dirigentes: só o facto de quase toda a 9.^a Brigada¹⁶ das Forças Armadas Populares de Libertação de Angola (FAPLA)¹⁷ ter apoiado Nito Alves e ter, entre outras acções, entrado na Prisão de São Paulo em Luanda e tomado o controlo da RNA constitui uma prova sólida do desejo (de pelo menos alguns) dos fraccionistas de conquistarem o poder. Todavia, há também indicações que sugerem que nem todos os nitistas¹⁸ queriam montar um golpe. Ironicamente, até Wolfers, que evidentemente odiava os fraccionistas, disse em entrevista: «Não queriam muito. Queriam os nitistas nos empregos mais importantes. Basicamente queriam uma remodelação ministerial.» Provavelmente, nunca saberemos se isto é verdade – muitas das testemunhas-chave foram assassinadas –, mas é óbvio que precisamos de suscitar algumas questões básicas acerca do que realmente aconteceu a 27 de Maio de 1977 se desejarmos obter um quadro mais completo. Por exemplo, se queriam fazer um golpe, por que razão o alegado fraccionista Jacob João Caetano (conhecido como Monstro Imortal) não matou o Presidente Neto quando se encontravam os dois sozinhos nessa sexta-feira?¹⁹ Há várias respostas possíveis a esta pergunta; talvez planeassem pôr Neto na prisão, ou expulsá-lo do país, ou mantê-lo como dirigente para conferir legitimidade e estabilidade a um novo governo. Ou, talvez, como me foi sugerido por um angolano testemunha dos acontecimentos de 27 de Maio, o Monstro Imortal perdeu a coragem de abater a figura paterna, o pai da nação, tal como Hamlet, a personagem de Shakespeare.

João Van Dúnem, irmão mais novo de Zé, é muitas vezes questionado acerca da versão oficial dos acontecimentos. Na sua opinião, os fraccionistas não tentaram um golpe militar, o que precisamente revela um sério erro na sua estratégia: «Se quisessem ter matado Neto, podiam tê-lo feito. Se isso tivesse acontecido poder-se-ia chamar um golpe militar. E se Neto tivesse sido morto, as coisas poderiam ter melhorado em Angola. Foi um erro de cálculo do meu irmão. Até ao fim defendeu que não deveria haver derramamento de sangue.»²⁰

João Van Dúnem coloca, claramente, a responsabilidade no seu irmão, não em Alves. Muitas vezes me perguntei se a apregoada unidade dos fraccionistas não seria, tal

MUITAS VEZES ME PERGUNTEI SE A APREGOADA UNIDADE DOS FRACCIONISTAS NÃO SERIA, TAL COMO A PRÓPRIA IMAGEM DO MPLA APRESENTADA AO MUNDO EXTERIOR, UM MITO.

como a própria imagem do MPLA apresentada ao mundo exterior, um mito. Pode muito bem ter acontecido que um lado pendia para a concretização de um golpe (possivelmente Alves e o Monstro Imortal) e que o outro apenas pretendia reformas (Zé Van Dúnem), e isto poderia explicar a razão por que João Van Dúnem lamente hoje a posição mais moderada do irmão. João Van Dúnem diz que os fraccionistas discutiram a possibilidade de tomarem o poder pela força – aparentemente foi uma questão debatida – mas no fim todos concordaram com Zé Van Dúnem, de que um golpe seria um erro. João Van Dúnem diz que o irmão era respeitado pelos outros fraccionistas pela sua inteligência e que fora afectuosamente alcunhado de *le philosophe*. Foi esta reputação de ser o cérebro por detrás dos músculos de Alves que terá convencido os fraccionistas a não tentarem um golpe²¹.

Haverá sempre quem argumente que saber o que realmente se passou a 27 de Maio de 1977, e se os fraccionistas tentaram ou não um golpe, é uma questão meramente académica. Várias vezes fui avisada de que não devia «desenterrar o passado». Alguns disseram-me mesmo que apenas o facto de escrever sobre esse momento da história

DISSERAM-ME QUE APENAS O FACTO DE
ESCREVER SOBRE ESSE MOMENTO DA HISTÓRIA
ANGOLANA PODERIA SER O SUFICIENTE PARA
NÃO ME VOLTAREM A DEIXAR ENTRAR NO PAÍS.

angolana poderia ser o suficiente para não me voltarem a deixar entrar no país. Espero que não. A minha intenção é muito simples: tentar explorar o 27 de Maio tão objectivamente quanto possível, falar com todos os lados e representar o máximo

número de opiniões. Tal como disse antes, a maior parte do material publicado acerca da revolta de Nito Alves baseia-se fortemente – e muitas vezes unicamente – em documentos oficiais do MPLA e não dá qualquer tipo de espaço aos visados pela acusação de fraccionismo. Os acusados não foram os únicos ignorados: a maior parte dos trabalhos que li baseavam-se em relatos feitos pela elite política e militar, ignorando com notável surdez as opiniões e memórias das pessoas abaixo desse estrato. Mesmo entre alguns dos «fraccionistas» sobreviventes não se dá importância às opiniões e memórias das pessoas comuns. Têm memória fraca, dizem-me, e não merecem confiança. Esta notável tentativa de silenciamento do público é o que ando a ver se desmonto.

*
* * *

«Vá ao Sambizanga», disseram-me, «e lá encontrará muita gente mais velha com quem falar».

O bairro é uma rede intrincada de casas familiares, pequenos bares e uma ou outra loja, construídos com tábuas de madeira, bocados de ferro forjado, blocos de tijolo e lama cor-de-laranja. O Sambizanga fica para lá do círculo central alcatroado de Luanda, sem água canalizada nem electricidade. Visitei-o nos primeiros meses de 2007, em plena

estação das chuvas. Virando à esquerda na estrada principal, mesmo a norte do Mercado de São Paulo, dei logo com enormes poças e buracos, que rapidamente se iam transformando em lagos. O jipe em que viajava criava ondas de bolhas castanhas que se desfaziam nas paredes dos baixos edifícios, numa maré alta motorizada que molhava os peões. A maior parte das pessoas desloca-se usando uma rede caótica de pedras dispostas pelo chão, o que requer uma excelente capacidade de equilíbrio e pernas suficientemente longas para cada passada. Cruzei-me com uma senhora muito idosa, de negro, toda curvada, que atravessava as águas descalça, resmungando qualquer coisa acerca de um funeral que não podia perder. A lama agarrava-se-lhe aos pés e aos tornozelos.

O Sambizanga, apesar da sua aparência, é famoso. Diz-se que foi deste bairro que partiu o movimento de libertação contra os portugueses em 1961; o Presidente José Eduardo dos Santos nasceu aqui; e, involuntariamente, o bairro esteve no centro da actividade antes, durante e depois do 27 de Maio.

Aos quarenta e quatro anos Lino Garcia Mateus é um homem velho e cansado. Muito alto e magro, anda curvado, com o pescoço esticado para a frente sob o peso da cabeça. O hálito forte confirma a sua própria confissão de que bebe muito álcool. Mas tem as suas razões. Mateus descreve-se como um veterano de guerra que nunca recebeu qualquer pensão. Para ilustrar quantos anos lutou do lado do MPLA conta-me que a própria filha não o reconheceu quando regressou da guerra. «A minha própria filha chamava-me tio», grita. Mateus tem também um filho, que em 1990 foi raptado pelos rebeldes da UNITA. Em 1994, Mateus perdera a esperança de encontrar o filho vivo, de maneira que a família organizou-lhe um serviço fúnebre. Dez anos depois o filho voltou ao Sambizanga, transformado em devoto guerrilheiro da UNITA, e bem vivo. Esse mesmo filho é hoje um veterano sem pensão e alcoólico – tal como o pai. Estes acontecimentos poderão explicar por que Mateus se mostra imune à noção de medo. Quando lhe pergunto se posso gravar a nossa conversa e usar o seu nome, responde, «Tanto me faz!» e faz um gesto em direcção ao meu pequeno gravador digital. Ligo a máquina.

«O fraccionismo», diz Mateus devagar, «começou como uma espécie de piada.»

Ou seja, começou com um jogo de futebol. A JMPLA no Sambizanga tinha uma das melhores equipas de futebol do país. O Progresso – clube também conhecido na altura como JUBA, Juventude Unida do Bairro Alfredo – ganhou o primeiro campeonato angolano depois da independência e, por isso, tornou-se imediatamente muito popular. Todas as tardes, às seis horas, Mateus e os amigos iam às reuniões do clube num salão local, o Salão Faria. No início havia apenas os jogadores e mais alguns adeptos, mas à medida que as semanas passavam as reuniões começaram a crescer, ao ponto de os adeptos já não conseguirem caber no salão, do tamanho de um campo de basquete. O conteúdo das conversas também mudou e deixaram de ser sobre futebol para pas-sarem a incidir sobre política.

«Era mesmo uma coisa em grande», diz Mateus.

Normalmente, Nito Alves, presidente do clube, falava.

«Dizia que os brancos analfabetos também deviam limpar as ruas, e não apenas os pretos analfabetos. Dizia que se havia motoristas brancos também devia haver pretos. Dizia que se havia um mulato que não tivesse estudado como deve ser também ele deveria ir para a rua, sem emprego. E disse que Lúcio Lara e os outros mestiços à volta de Neto lhe andavam a encher a cabeça de coisas más.»

Mateus diz que todos sabiam que Alves andava a recrutar seguidores – que o apoiavam de bom grado.

«Alguma vez se encontrou com Nito?», pergunto.

«Oh, sim, costumava sentar-me com ele aqui», aponta para o chão mesmo junto onde estamos a conversar. «Era mais bem aceite e popular que Neto, especialmente nestes bairros tradicionais. Nem sequer tinha guarda-costas. Andava no meio de nós, sozinho.» Não é a primeira vez que oiço alguém louvar a capacidade de Nito – há quem diga a preferência de Nito – em estar com pessoas de estratos economicamente inferiores. Uns dias antes passara várias horas com um residente do Sambizanga ligeiramente mais velho que Mateus, com uns cinquenta e tal anos, a quem chamarei Z. por ele ter tido medo de dar o nome. Tal como Mateus, Z. fora membro da JMPLA e lutara nas FAPLA. Mas, ao contrário de Mateus, a vida de Z. melhorara. Tem uma família grande, um bom emprego e comprou um pedaço de terra numa zona menos povoada do outro lado de Luanda.

«Nito falava de uma forma muito eloquente», diz Z., com um grande sorriso, «e as massas gostavam dos discursos dele porque eram terra-a-terra. Centrava-se nos principais problemas da sociedade, por exemplo, a pobreza, a igualdade de oportunidades e, principalmente, o racismo. “Por que é que não há igualdade entre as raças?” perguntava Nito. “Se lutámos contra o colonialismo português em que os brancos exploravam os pretos, por que é que agora que somos independentes não há igualdade?” E uma das coisas que melhor me lembro dele dizer era – ...»

Já sei o que Z. vai dizer porque já o ouvi a muita gente.

«–“... que em Angola só estaremos em paz quando um branco, um mulato ou um preto for visto a limpar as ruas, não só o preto.”»

«Mas isso não seria mais um truque populista?», pergunto.

«Não! Era verdade o que ele dizia. No trabalho manual só havia pretos, embora houvesse brancos e mulatos com pouca instrução. E quando se tratava de bolsas para estudar lá fora favoreciam sempre os brancos e os mestiços, nunca os pretos.»

Mas tenho alguma dificuldade em vencer o meu cinismo. «Sim, mas Nito estava a ser sincero ou estava simplesmente a tentar angariar apoio para as suas próprias ambições pessoais?»

Z. suspira, levemente irritado com as minhas interrupções. «O que tem de compreender», olha-me nos olhos, «é que Nito dizia isto abertamente – em público – enquanto o

Comité Central tentava suprimir este ponto de vista por ser tão delicado. Mas o país tinha de mudar, simplesmente tinha de mudar – e Nito preocupava-se com o nosso sofrimento.»

Alves não falava apenas sobre as desigualdades raciais. De acordo com Z., criticava também o crescente número de prisioneiros políticos, presos pelas suas opiniões. O público, diz Z., apreciava isso porque muitas pessoas estavam, em privado, muito zangadas com o espaço cada vez mais diminuto da liberdade de expressão²². Alves falava também da corrupção ao mais alto nível por parte de pessoas muito próximas do Presidente Neto, apontando o dedo ao ministro da Defesa, Carreira, por negócios sujos²³. Por estas razões, diz Z., ele e pessoas como Mateus iam, como milhares de outros, aos encontros de futebol. Queriam ouvir Alves falar. Dava-lhes esperança.

ALVES NÃO FALAVA APENAS SOBRE AS
DESIGUALDADES RACIAIS. DE ACORDO COM Z.,
CRITICAVA TAMBÉM O CRESCENTE NÚMERO
DE PRISIONEIROIS POLÍTICOS, PRESOS
PELAS SUAS OPINIÕES.

«E então, o que é que aconteceu», pergunta

Z. retoricamente, impaciente por me dar a sua opinião. «Apareceu um dirigente-sombra: havia o líder formal, Neto, e o informal, Nito Alves. E sabe o que acontece com um líder informal, não sabe?»

Sinto-me como se estivesse numa sala de aula. «Não», digo eu, aproveitando a deixa.

Z. acena com convicção: «Torna-se muito popular junto da população, junto das multidões, e fica com muitos seguidores. Há uma espécie de usurpação do poder.»

«Quer dizer que Nito estava a começar a usurpar Neto?»

Volta a acenar: «Isto causa alguma consternação no seio do MPLA, até chegar a Neto e incluindo-o a ele, porque Nito não tinha apenas o apoio das massas; estava também a ganhar o apoio do Exército. Foi aqui que a situação começou a ficar pesada.»

Uma secção em particular do Exército ficará para sempre associada aos acontecimentos do 27 de Maio. Foram os veículos blindados da 9.^a Brigada que arrombaram as portas da Prisão de São Paulo e libertaram centenas de homens. O envolvimento desta divisão é a razão, de acordo com muitas pessoas, por que há tão poucos veteranos da 9.^a Brigada vivos que nos possam dar a sua versão da história. Muitos foram mortos nos dias seguintes.

Mas nem todos.

José Júlio é um homem bonito de postura orgulhosa. Encontramo-nos numa quente manhã de sábado em Abril de 2007, na principal paragem de autocarro do Triângulo do Bairro do Rangel, um cruzamento de estradas esburacadas e poeirentas deste subúrbio pobre de Luanda. Traz um chapéu de palha com uma ampla aba firmemente enterrado na cabeça, e tem ar de quem possuiu um bom sentido de humor. Uns calções até aos joelhos, uma camisa larga e sandálias são a sua indumentária de fim-de-semana. Leva-me a um bar próximo, atrás de um pequeno e moderno edifício governamental cercado de arame farpado. Ao entrarmos na tasca um jovem passa por mim, abanando uma enorme

cabeça de cabra por um dos seus enormes cornos retorcidos, o pescoço do animal a pingar sangue pelo chão de cimento. Imagino-me a mastigar cabra grelhada enquanto falamos da 9.^a Brigada – mas ainda se tem de tirar a pele e os ossos ao animal, e parti-lo. «Naquele tempo era conhecido como Relâmpago», diz Júlio, com uma risada. «Era o meu nome de guerra.»

Coloca um distintivo de metal na mesa. Tem a forma de uma suave ponta de seta com detalhes em vermelho, preto e dourado. No topo tem escrito «9.^aBr.I.M.», o que significa «9.^a Brigada de Infantaria Motorizada». Por baixo há uma grande estrela dourada e, por baixo dela, um pequeno tanque também dourado. Júlio entrega-me o seu bilhete de identidade das FAPLA. Uma pequena fotografia a preto e branco mostra o jovem Relâmpago, com uns quinze anos, a fitar confiantemente a câmara.

«Era tão jovem», digo, «tinha a vida toda pela frente. O que é que correu mal?»

Numa voz vagarosa e profunda começa a descrever a situação militar de Angola em 1977. O MPLA lutava pela sobrevivência, lutando contra a UNITA e a FNLA. Jovens como Júlio andavam aterrorizados – «A propaganda que nos davam dizia que a FNLA matava os inimigos e comia-os» – e alistavam-se nas FAPLA. Mas a desilusão não tardava a instalar-se.

«O país estava completamente debilitado», diz Júlio, «não havia comida e os níveis de descontentamento nas Forças Armadas eram enormes. Comíamos *mukwa*²⁴ durante meses a fio. Não tínhamos nada!»

«Era por isso que a 9.^a Brigada queria desencadear um golpe?», pergunto.

«Não era um golpe, era uma sublevação militar.»

Vê-me a franzir a testa, confundida pela distinção, mas deixo-o continuar. «Olha, era assim. Nós, no Exército, sabíamos que estes tipos eram traficantes de diamantes. As coisas tinham de mudar. Não podíamos deixar as coisas continuarem assim. Tínhamos de nos ver livres dos tipos lá de cima.»

«Pois», digo eu, «então iam desencadear um golpe?»

«Não, não era um golpe. Não queríamos depor Neto. Só queríamos depor Lúcio Lara e Iko Carreira. Queríamos substituí-los por outros homens.»

E depois levanta a questão racial: a grande intenção da manifestação de 27 de Maio era impedir que Angola se transformasse noutra Rodésia. Júlio insiste que nem Lara nem Carreira eram «angolanos genuínos» e diz que os pais deles eram de Portugal. Chama-lhes «estrangeiros» que estavam a usar Neto como um testa-de-ferro preto. O outro problema, diz, era o álcool.

«O Neto bebia muito, sabe. Por isso davam-lhe documentos importantes para assinar quando estava embriagado.»

Já ouvi repetidamente esta afirmação – a de que o Presidente Neto era um bêbedo. Muitos dizem que a sua bebida favorita era *Chivas Regal*. Alguns entrevistados mostraram-me imagens do falecido Presidente, insistindo que eram evidentes os sinais de alcoolismo nos olhos, muito embora as lentes grossas dos óculos não deixem ver pos-

síveis sinais de um verdadeiro alcoólico. Não posso dizer que não me sinto tentada a acreditar nestes boatos – é sempre um prazer descobrir fraquezas nos homens poderosos – mas não tenho provas. Além disso, regresso sempre a uma observação muito minha: muitos homens angolanos que conheço bebem imenso. Por que razão é Neto apontado a dedo?

Mas as possíveis motivações para a sublevação de Nito Alves não eram só a raça, o uís-que, a falta de comida ou o desaparecimento de diamantes.

«Houve também um problema com um contrato de exploração de petróleo», explica Júlio. «Em 1976 foram feitos uns acordos secretos em que Lara, Carreira e Neto assinaram um contrato para a exploração de petróleo com os americanos sem que o Comité Central tivesse conhecimento.» Faz uma pausa dramática. «Nós éramos marxistas! E assinámos um acordo com os americanos! Como é que era possível?»²⁵

No Sambizanga, Mateus recorda a 9.^a Brigada como crucial nas preparações para o que denomina de manifestação. Na noite de 26 de Maio centenas de jovens soldados distribuíram armas aos apoiantes de Alves. Muitos dos civis ficaram assustados à vista das armas e não perceberam por que iriam precisar delas, se iam apenas realizar um desfile. Mas os soldados aconselharam os homens a não entrar em pânico e a manterem-se alerta, a postos para o sinal – uma batida na porta – de manhã cedo. Antes de o sol nascer, os soldados voltaram. À medida que os civis saíam de suas casas mandavam-nos para a estação de rádio ou para o Palácio Presidencial.

NA NOITE DE 26 DE MAIO CENTENAS DE JOVENS SOLDADOS DISTRIBUÍRAM ARMAS AOS APOIANTES DE ALVES. MUITOS DOS CIVIS FICARAM ASSUSTADOS À VISTA DAS ARMAS E NÃO PERCEBERAM POR QUE IRIAM PRECISAR DELAS, SE IAM APENAS REALIZAR UM DESFILE.

«Mas não levámos as armas», grita Mateus. «Não levámos as nossas armas.»

Entretanto espalhava-se a notícia de que centenas de prisioneiros tinham sido libertados. Muitos eram presos políticos, acusados de fraccionismo nas semanas precedentes, mas muitos eram criminosos comuns. «Este foi o maior erro dos nitistas», declarou Z. «Disseram-nos que iam libertar os presos políticos mas libertaram assaltantes e ladrões e outros tipos assim. Não houve um critério na libertação das pessoas. Abriram as portas e deixaram as pessoas sair. E depois mobilizaram-nos para fazer uma manifestação frente ao palácio.»

Com o nascer do sol, começaram os disparos e jovens de megafone incitaram as pessoas a sair de casa e a manifestarem-se. Z. e Mateus lembram-se de muita gente ter optado por seguir as multidões na direcção do centro da cidade. Mateus era um deles. Mas outros, como Z., que apoiavam Alves, estavam aterrados pois sabiam que as autoridades iriam alvejar os fraccionistas. Por isso ficaram em casa, de portas barricadas, com medo do que viria a seguir. Z. recorda-se de enterrar o seu *Livrinho Vermelho* de Mao no fundo do quintal. «Ainda lá deve estar, bem fundo, até hoje, provando que apoiei Alves», diz orgulhosamente.

Mais para o centro da cidade começava a perceber-se que as manifestações não seriam bem-sucedidas. «Fomos falar com Neto», lembra Mateus. «Fizemos uma manifestação pacífica e receberam-nos com bombas cubanas.»

A multidão fugia em todas as direcções. Alguns conseguiram escapar, outros foram mortos nas ruas. Mesmo a 9.^a Brigada nada podia fazer perante os cubanos. «Só tínhamos blindados», contou-me Júlio. «Eles tinham tanques enormes!» E usaram bem os tanques. A meio da tarde todo o bairro do Sambizanga estava cercado.

«Mal se podia respirar», diz Mateus.

Pergunto-lhe pelas mortes das figuras importantes do MPLA, os oito homens mencionados no documento do partido. «Nito Alves não ordenou essas mortes», grita, «o que aconteceu foi um acto isolado, um momento de anarquia. É verdade que foram mortos, e alguns dos nossos jogadores do Progresso é que o fizeram. Mas fizeram-no porque estavam aqui encurralados. Estavam com medo, por isso é que os mataram. Percebiam que não havia fuga possível. Os homens da equipa de futebol mataram-nos. Entraram em pânico.»

Fiz a mesma pergunta a Z. «Foi um erro», admite, «foi um erro dos fraccionistas, um dos homens que morreu era do Sambizanga, alguém que nos era muito querido, um tipo muito jovem. Era o Comandante Bula. Não devia ter morrido. Fez muito por este país. E, olhe, Bula era preto.»

Era demasiado tarde. O Presidente Neto fizera já o seu tristemente célebre discurso em que declarara, «Não vamos perder tempo com julgamentos, não haverá mais perdão.»

CENTENAS DE SOLDADOS CUBANOS
ENTRARAM PELO SAMBIZANGA ADENTRO PARA
«LIMPAR» O BAIRRO. UM MOVIMENTO
E O EXÉRCITO DISPARAVA.

Centenas de soldados cubanos entraram pelo Sambizanga adentro para «limpar» o bairro. Mateus e Z. falam do terror absoluto. Um movimento e o exército disparava. Ambos acreditam que os cubanos tinham ordens para disparar para muita

gente apenas para assustar e controlar a situação. Era, na opinião de Z., «uma perseguição do homem pelo homem».

E iria piorar. Mateus lembra-se do dia 28 como um dos piores da sua vida. «Os tanques entraram no Sambizanga e arrasaram o bairro. Destruíram mais de 100 casas aqui», aponta para uma fila de barracas baixas diante de nós. «Os tanques passaram por cima disto – durante anos ninguém aqui construiu nada, era conhecida como a área sinistra, e foi abandonada – e então os cubanos começaram a caça aos jogadores de futebol.» Lembra-se de um jogador em particular, chamado Kiferro.

«Os cubanos não conseguiam encontrá-lo. Onde quer que procurassem, ele não estava lá. Pensaram que era um feiticeiro», Mateus ri-se. «Num momento estava aqui conosco, e quando os soldados chegavam, desaparecia. Quando perceberam que não o iam apanhar começaram a matar outras pessoas, membros da família dele, irmãos, sobrinhos, amigos, até pessoas que achavam que eram parecidas com ele.»

Kiferro acabou por se entregar. Os cubanos levaram-no e nunca mais foi visto. Ele e muitos outros. Z. e Mateus calculam que cada família do Sambizanga perdeu pelo menos um ou dois membros. «Foi como na guerra», comenta Z. «Conhece alguma família que não foi afectada? Foi o mesmo com o fraccionismo.»

«Mas as pessoas que mataram na guerra são mais facilmente desculpáveis, porque mataram num contexto de guerra, era uma questão de sobrevivência. O que torna o 27 de Maio diferente é que chegaram a casa das pessoas e, sem explicações, levaram-nas e mataram-nas.»²⁶

Na Primavera de 2006, em Portugal, encontro-me com L. em sua casa, a uma curta distância de comboio de Lisboa. É uma mulher nervosa, e passa grande parte da entrevista a remexer os lenços de papel encharcados em lágrimas. Fugiu de Angola em Setembro de 1977 com a filha de quatro meses. Sentia-se aterrada. O marido, um português branco apoiante do MPLA, fora levado por agentes da DISA da casa da família, no Luso (hoje Luena) no Moxico, no dia 27 de Maio. Era funcionário principal do Banco Pinto & Sotto Mayor da cidade, e nesse dia tinham-no mandado para casa mais cedo. A ele e a todos os trabalhadores da cidade. Ninguém sabia porquê.

L. passou semanas de uma angústia atroz. Disseram-lhe que o marido estava detido na prisão local. Depois, que fora levado para Luanda. L. dirigiu-se para a capital, onde um oficial da polícia a aconselhou a fugir do país – «Estão a matar toda a gente» – e L. começou a fazer planos para partir. Teve alguma sorte: a filha era meio portuguesa e assim conseguiu apoio da Embaixada que a ajudou a provar que o marido estava morto. Hoje em dia tem documentos passados pelas autoridades portuguesas que dizem que o marido foi morto pelo filho do Comandante Dangereux²⁷ no Moxico no rescaldo da revolta de Nito Alves²⁸.

Durante muitos anos L. negou a sua existência em Portugal. Se outros angolanos a abordavam na rua – pessoas que conhecia – insistia que era moçambicana e não a pessoa que pensavam que ela era. «Transportava tanto ódio. Odiava a minha mãe. Odiava o meu pai. Até me odiava a mim, por ser angolana.» L. chora. Espero que se acalme um pouco antes de lhe perguntar se era capaz de partilhar a sua dor com alguém, talvez com a família.

«Não!» grita. «Ninguém! Nunca! É um tabu. Não se fala deste assunto.»

L. pensa que os pais nunca mencionaram o assunto porque a queriam proteger. Não queriam que revivesse a experiência. Mesmo hoje, diz, têm medo de a apoquentar. E a família do falecido marido? Certamente terão querido saber o que aconteceu no Moxico? «Não», diz L. «Nunca perguntaram, e nunca nos falámos.»

★

★ ★

É este silêncio – esta insistência muito privada em manter o segredo da revolta de Nito Alves – que é tão intrigante. L. não é de forma alguma a única parente de uma vítima

do 27 de Maio que me descreveu esta censura imposta no seio da unidade familiar pela própria família. Durante o passado ano tenho muitas vezes pensado como e por que é que os angolanos, de alguma forma, cooperaram com o regime ao quase apagarem da existência os acusados de fraccionismo⁹⁹. O conceito orwelliano de «não-pessoa» vem-me regularmente à cabeça: a ideia de alguém que é retirado da história, cujo nome não é mencionado pois a sua nomeação é um «pensacrime». Embora este artigo possa dar a impressão de que as pessoas me prestaram alegremente os seus depoimentos,

EMBORA ESTE ARTIGO POSSA DAR A IMPRESSÃO DE QUE AS PESSOAS ME PRESTARAM ALEGREMENTE OS SEUS DEPOIMENTOS, A VERDADE É MAIS COMPLEXA.

a verdade é mais complexa. Encontrei muitos angolanos demasiado aterrorizados para falar. Mesmo quando lhes garantia o anonimato alguns estavam convencidos que eu era uma espia do MPLA, enquanto outros asseguravam que estávamos a ser

espiados durante a entrevista. Isto aconteceu tanto em Angola como na Europa. Um potencial entrevistado decidiu não falar comigo com medo de que isso pudesse afectar a sua carreira. Essa pessoa disse-me: «Não devia sequer estar a pensar nisto, quanto mais falar nisto à sua frente.» Um caso claro de «pensacrime».

Por outro lado, não há dúvida que alguns indivíduos experimentaram um grande alívio ao falar com alguém que lhes era totalmente estranho, e sem qualquer interesse pessoal nos eventos do 27 de Maio. Anos de contenção da dor acabam numa grande catarse e eu pergunto-me se como jornalista – e não conselheira ou psicoterapeuta – serei realmente a pessoa certa para conduzir o interrogatório.

Com tanta emoção envolvida, e tanto tempo já passado, preocupei-me igualmente com a memória que falha, que está doente, que é falsa. Como saberei se o que me contam é verdade? Como saberei se não estão a exagerar? Simplesmente não sei. Não há garantias de verdade absoluta – mas isso passa-se com qualquer investigação e entrevista. Posso dizer duas coisas sobre o 27 de Maio: por um lado, existe uma consistência notável nos tipos de histórias que as pessoas contam e na forma como se lembram desse dia e semanas e meses que se seguiram; no entanto, talvez mais importante e que interessa hoje em Angola, é como as pessoas se recordam do 27 de Maio, porque é isso que enforma o seu comportamento político e a sua relação com o (ainda) dirigente MPLA. E foi isto que começou por me dar conhecimento da revolta de Nito Alves: o comportamento das pessoas no presente, e o facto de se mostrarem relutantes em se manifestar.

Por isso, apesar de todo o silêncio privado e muito público em torno do 27 de Maio, o povo angolano lembra-se: lembra-se dos mortos e lembra-se, mais ou menos, do que aconteceu. Essa recordação é demonstrada nas suas vidas privadas e públicas até aos dias de hoje. Como disse Z.: «As famílias que perderam os filhos ainda vivem no Sambizanga. São pessoas totalmente desenraizadas, com psicoses, com depressões.» E Mateus, que me mostrou por onde entraram os tanques cubanos e onde arrasaram as casas, disse: «Hoje em dia o povo angolano está completamente tranquilo

e calmo – observam, vêem e não dizem nada. Isto é tudo por causa do que aconteceu em 1977. As pessoas lembram-se. Não conseguem esquecer. É por isso que tanta gente daqui bebe: queremos esquecer o que temos na cabeça.»

Comecei este artigo com uma reflexão sobre a minha introdução pessoal ao 27 de Maio, logo após uma manifestação pública em Luanda em 1998. Dei conta da interpretação oficial dos acontecimentos feita pelo MPLA – uma tentativa de golpe – e relatei depois a versão de uma testemunha apoiante do Presidente Neto, Michael Wolfers. Ambas as interpretações fornecem provas convincentes de que os fraccionistas pretendiam tomar o poder pela força. Isto seria depois negado por João Van Dúnem, irmão mais novo de Zé, ainda que com uma ponta de remorsos. Para além destas perspectivas mais elitistas e provavelmente privilegiadas, ouvi angolanos sem poder de decisão em 1977, seguidores e cidadãos que testemunharam e participaram «de baixo», e não «de cima». Percebe-se dos testemunhos vindos do Sambizanga e de outros locais que o 27 de Maio ia ser uma manifestação e uma oportunidade para falar com o Presidente Neto acerca do que consideravam ser os problemas do país. Embora apenas cite menos de meia dezena de pessoas, entrevistei muitos outros angolanos e todos confirmam esta perspectiva de que o 27 de Maio não foi uma tentativa de tomada de poder.

Há muitas memórias desse dia, e muitas versões diferentes da verdade. Cada entrevistado está plenamente convencido da sua experiência desse dia e todos os textos que li são igualmente convincentes. O que é extraordinário é o facto de trinta anos após o acontecimento as memórias, as opiniões e as verdades do povo angolano continuarem a ser censuradas e muitas perguntas acerca do 27 de Maio continuarem por ser formuladas, já para não falar em ser respondidas. Este artigo apenas abordou o próprio dia e não explorou muitos outros aspectos cruciais, tais como a extensão do apoio soviético a Nito, a medida do envolvimento cubano, os eventuais interesses comerciais que alimentavam o conflito entre nitistas e netistas, o possível envolvimento da CIA, o número de pessoas mortas após o 27 de Maio, etc. Foram muitos os que me desaconselharam a realizar esta investigação, argumentando que é «ainda muito cedo» para a verdade do 27 de Maio ser desvendada. Não concordo. RI

TRADUÇÃO: MARTA AMARAL

NOTAS

1 *A Tentativa de Golpe de Estado de 27 de Maio de 1977*, Informação do Bureau Político do MPLA, 12 de Julho de 1977, Edições «Avante!»

2 *Ibidem*, p. 9.

3 Nito Alves será a partir daqui referido como Alves, a não ser quando referido por entrevistados como Nito. José Van Dúnem será referido como Van Dúnem, a não ser quando mencionado como Zé por entrevistados.

4 Muitos alegam que os fraccionistas eram apoiados por pelo menos uma facção da liderança da União Soviética. Para um excelente estudo da relação entre Nito Alves e os russos, cf. capítulo 6 da obra de WESTAD, Odd Arne – *The Global Cold War*. Nova York: Cambridge University Press, 2005. É estranho que Westad, que até aí gozara de um privilegiado acesso aos arquivos de Moscovo, tenha, desde 1996, visto ser-lhe negado acesso a todos os dossiês relativos a Angola para o período 1976-1980.

5 *A Tentativa de Golpe de Estado de 27 de Maio de 1977*.

6 *Ibidem*, p. 46.

7 *Ibidem*, p. 50.

8 A minha intenção era regressar a Angola no início de 2006. No entanto, a grande demanda pelo difícil visto angolano demorou uns bons dez meses, e por isso só regressarei a Angola em Fevereiro de 2007.

9 Juntamente com Jane Bergerol, Wolfers escreveu *Angola in the Front Line*, Zed Press, Londres, 1983.

10 Wolfers foi correspondente do *The Times*.

11 *Thomas Hodgkin Wandering Scholar: A Biography*, por Michael Wolfers, publicada em 2007 pelos Socialist Publishers, Merlin Press Ltd.

12 Mingas era uma das figures mais importantes do MPLA alegadamente queimadas até à morte pelos fraccionistas no Sombizanga na tarde da revolta.

13 Desde 1999 até agora a autora entrevistou muitos angolanos que dizem querer protestar contra vários aspectos das suas vidas mas que têm demasiado medo para o fazer, por causa daquilo de que se lembram ou do que lhes contaram acerca do desfecho da revolta de Nito Alves. Cf., por exemplo, «Angola: worlds in collision», 11 de Abril de 2007, no site OpenDemocracy: http://www.opendemocracy.net/democracy/africa_democracy/angola_collision_4514.jsp.

14 Os melhores exemplos incluem o muito respeitado historiador-jornalista britânico Basil Davidson, «Questions of nationalism». In *African Affairs*, vol. 76, n.º 302, 1977; também FAUVET, Paul – «Angola: the rise and fall of Nito Alves». In *Review of African Political Economy*, n.º 9, Maio-Agosto de 1978, pp. 88-104. Embora impressionante no detalhe com que são tratadas as politiquices da elite do MPLA, o livro de Jean-Michel Mabeko Tali, *Dissidências e*

Poder de Estado: O MPLA perante si próprio 1962-1977. Luanda, 2001, inclina-se abertamente para a facção do Presidente Neto no MPLA e adopta uma visão a partir de cima dos acontecimentos de 27 de Maio de 1977.

Mas os ultralealistas aderiram de tal forma à versão oficial dos acontecimentos que nem sequer mencionam o caso, mesmo quando escrevem livros que claramente cobrem esse período: o exemplo mais marcante é o da jornalista britânica Victoria Brittain no seu trabalho, declaradamente comprometido, sobre Angola, *Death of Dignity: Angola's Civil War*. Londres: Pluto Press, 1998, que começa em 1975 dois anos antes da revolta de Nito Alves. No entanto, em Dezembro de 2005, em entrevista em Londres, quando inquirida sobre a razão pela qual não mencionara o 27 de Maio de 1977, disse à autora: «Não estava a cobrir esse período... não era muito importante». O mesmo sucede com o livro, aliás soberbo, de Piero Gleijeses, *Conflicting Missions: Havana, Washington, Pretoria*, Chapell Hill: University of North Carolina, 2002. Vale a pena igualmente mencionar o trabalho de Ole Gjerstad, *The People in Power: An Account from Angola's Second War of National Liberation*, Oakland, California 1977, que se concentra no MPLA em 1975 e 1976. Embora não pudesse ter coberto a própria revolta, é estranho que uma entrevista totalmente traduzida com Nito Alves disponível na primeira edição tenha sido substituída por uma entrevista totalmente traduzida com Lúcio Lara na segunda edição!

15 BIRMINGHAM, David – «The Twenty-Seventh of May: An Historical Note on the Abortive 1977 'coup' in Angola». In *African Affairs*, vol. 77, n.º 309, Outubro de 1978, pp. 554-564.

16 A 9.ª Brigada consistia em centenas, se não mesmo milhares, de homens, e era tida como uma força de elite no seio das FAPLA. Está previsto para 27 de Maio de 2007, em Luanda, o lançamento de um estudo aprofundado do papel da 9.ª Brigada nos acontecimentos de 27 de Maio de 1977. Intitulado *Novem Negra: O Drama do 27 de Maio de 1977*, é escrito por Miguel Francisco, um antigo soldado dessa brigada preso num campo de concentração na província do Moxico entre 1977 e 1981.

17 As FAPLA eram inicialmente o braço armado do MPLA mas transformaram-se nas forças armadas oficiais de Angola, quando o partido assumiu o poder depois da independência. Em 1991, depois dos Acordos de Bicesse – um pacto de paz entre os rebeldes da UNITA e o MPLA – as forças armadas de Angola passaram a denominar-se Forças Armadas Angolanas (FAA).

18 Nitista é também usado para descrever os fraccionistas, e é obviamente retirado do diminutivo de Alves, Nito.

19 Entrevista com João Van Dúnem, Londres, 23 de Novembro de 2005.

20 João Van Dúnem, então um soldado das FAPLA, estava em Cuba na altura da revolta de Nito Alves. Em Novembro de 1977 foi mandado de regresso a Luanda, onde foi preso à chegada.

21 João Van Dúnem disse à autora que uns dias antes do 27 de Maio de 1977 o Presidente Neto pediu a Zé que falasse à 9.ª Brigada e que os dissuadisse de fazer um golpe. Nessa altura já Neto estava ciente do desejo de alguns fraccionistas de deporem a sua facção do MPLA. João Van Dúnem diz que o irmão respeitou o pedido de Neto e se dirigiu à 9.ª Brigada.

22 É irónico – ou simplesmente hipócrita – que Nito Alves defendesse a liberdade de expressão, dado o seu papel na detenção de centenas de esquerdistas angolanos quando fora ministro da Administração Interna.

23 Dois entrevistados disseram à autora que Carreira tinha acções numa companhia portuguesa chamada Soluang, que alegadamente vendia fardas militares às FAPLA e à UNITA nos anos 70. Carreira estava também envolvido no contrabando de diamantes para fora de Angola, de acordo com estas fontes que pediram para permanecer anónimas.

24 O fruto do embondeiro.

25 Júlio ficou espantado quando lhe contei que de acordo com a Chevron o complexo petrolífero de Malongo, em Cabinda, continua a ser protegido por uma forte linha de minas plantadas pelos cubanos nos anos 70. As relações entre o MPLA e a Gulf Oil não incomodaram apenas os marxistas angolanos. Havia tensões semelhantes para além das fronteiras de Angola, com tentativas de grupos da Nova Direita nos EUA e membros da Administração americana de fazerem a Gulf Oil abandonar as suas operações petrolíferas em Cabinda. O grupo americano Heritage Foundation denunciou que a Gulf pagava cinco milhões de dólares por dia em royalties ao MPLA, dinheiro esse que, diziam, era usado para comprar armas aos soviéticos e aos cubanos. Cf. WRIGHT, George – *The Destruction of a Nation: United States' Policy Toward Angola since 1945*. Londres: Pluto Press, 1997. Ver também STOCKWELL, John – *In Search of Enemies: A CIA Story*. Nova York: WW Norton, 1978.

26 Entrevista com L., 14 de Março de 2006, Portugal.

27 O Comandante Dangereux foi um dos oito homens queimados vivos no Sombizanga. Era do Moxico e pensa-se que foi por esta razão que se deram os assassinatos de retaliação no Luso. Contudo, a autora ainda não encontrou qualquer prova que o Comandante tivesse à data um filho com idade suficiente para levar a cabo tal acto.

28 A autora tem fotocópias de todos estes documentos e viu todos os originais que parecem, para todos os efeitos, genuínos.

29 Para um estudo a partir de dentro do colapso completo do sistema legal durante este período, cf. TEIXEIRA, Ildeberto – *E Aos Costumes Disse Nada*, [publicado pelo autor em Lisboa em 1988].